

Fim-do-ano de 1987 e a barbaridade de Tenga *Domingo 11/1/89*

Por ocasião da passagem do ano mando um pouco daquilo que recordo do que foi o Tenga 31/12/87. Sou um dos que lá estiveram.

Fim do ano diferente foi o nosso da COBOCO. Devo tentar esquecer que aquilo foi uma barbaridade contra gente indefesa para não sentir grande dor pela morte de meus companheiros.

Corumana, 31 do último mês de 1987 nasceu com um movimento diferente do habitual. Era dia de festa, compra de carne e demais retoques para a grande animação da passagem do ano. Afinal de quem posso falar? De mim mesmo.

Onze horas fui buscar em casa do chefe Italo o que deveria vir servir de caril, Cerveja e refrescos completavam a minha carga.

Treze horas e cinquenta partimos do estaleiro com destino à vila a fim de seguirmos viagem para Maputo para os festejos do fim-do-ano sem sabermos que seria o fim de vidas.

As 15 horas aproximadamente entrámos no comboio que nos levaria à capital para a festa que não chegou de haver porque fomos mortos.

O comboio apitou e partiu. Havia-mos andado alguns quilómetros quando um dos que estavam comigo, o Isaias, disparou: «obus» adeus ano novo! «obus» adeus ano novo!

— Não te preocupes. Confiamos na tática que te ensinaram no Exército — respondi-lhe num gesto trocista.

Fomos já no meio de Maguaza e Pessane quando me apercebi que dentro da locomotiva reinava uma enorme inquietação. Havia-mos ocorrido naquele sítio diversos ataques dos bandoleiros.

— Uff!, quase que ia morrendo de medo — comentou um velhote ao meu lado ao que um outro passan-

geiro ripostou — Melhor e tentar distrair — Mas ainda falta Tenga.

Apesar do medo ouviam nas carruagens animadas conversas.

Parámos alguns minutos na estação de Pessene e depois retomámos a marcha. A estação ficou para trás e o comboio foi engolido por aquelas duas elevações de terra que estão entre Pessene e Tenga.

Toda a gente ia com o coração nas mãos. Estávamos a sair das elevações quando o que ia sentado no meu banco perguntou-me as horas. Dezasseis e trinta e

Não cheguei a terminar a frase. Uma violenta explosão sacudiu a composição separando a máquina

das carruagens que se voltavam.

Após a explosão e antes de nós recompormos do choque e sotto uma saraivada de balas começou a furar o metal das carruagens e a fazer vidas.

Mas antes da composição tombar por completo, Isaias saltou pela janela. Quando eu ia seguir-lhe o exemplo as balas obrigaram-me a colar-me ao chão. Tentei de novo sair pela janela pois que ainda estava com vida mas não foi dessa vez que consegui pois que a composição tombara pelo lado onde estava (sorte) que por isso era onde vinham as balas.

Gritos de desespero. E eu? Minhas pernas estavam presas pelo

peso das pessoas atirada para cima de mim com o voltar do comboio. Mesmo lá de baixo fui ouvindo o barulho das armas e o grito das pessoas.

Meu Deus! Morrer aqui tento sem ter tentado fugir? Esqueci-me das boas maneiras e comecei a distribuir socos aos que me pressionavam com o seu peso. Consegui saltar o pé esquerdo que ficou entretanto sem o sapato (mas naquele momento pouca importância tinha). Com já quase todo o corpo livre soltou-se o sapato direito e vim-me totalmente livre do peso mas faltava sair do grande perigo.

Cai fora, raspando-me na face esquerda e comecei a correr sem

saber que o bolso das calças com tinha dinheiro havia-se rasgado, e este estava se espalhando pelo terreno. Ao me aperceber do facto tirei-o para o outro bolso.

Aqui fora registava-se uma desorganizada correria. Também corri em direcção à máquina mas apercebi-me que esta estava em chamas, mudei de direcção. Quando eu ia caindo de costas, pela frente apareceu um homem armado. Desviei-me da rota mas deparei-me com mais três outros dentro do traje camuflado.

Amen! Eram os homens de socorro. Pena terem chegado ao local quando dos assaltantes só restava o sinal de por ali terem passado, a destruição e a morte.

Chegados a Tenga tentámos saber quem de nós ficou para sempre? Reencontrei o Isaias e juntos procurámos saber algo sobre os outros companheiros de trabalho da viagem. Soubemos de amigos e companheiros milagrosamente vivos, outros feridos e ainda outros mortos.

Cerca das 18 horas um comboio de socorro foi até ao local do sinistro onde carreteou com alguns mortos e sobreviventes. Voltou à Estação de Tenga e levou-nos para o Maputo. No local da ocorrência ficaram as brigadas de socorro tentando tirar dos destroços corpos carbonizados e pessoas ainda vivas mas presas entre os ferros torcidos.

Ainda hoje passado um ano, me recordo e cada fim-do-ano sempre me recordarei da explosão dos gritos e dos companheiros feridos e mortos naquela passagem do ano. Hoje me lembro dos meus amigos da viagem e acho que perecemos todos os que seguíamos viagem naquele dia. Sim, ficámos todos no caminho do fim-do-ano de 1987.

STEFAN — (Maputo)

